

Na Estação

Numa das vezes em que estive no Recife, fui visitar a estação da Great Western Railway, a chamada Estação Central. Era ali, nessa estação, que, em tempos muito passados e distantes, esperava o trem para Jaboatão, onde residia.

Fui revê-la justamente às dez horas da noite, hora em que partia o último trem para aquela cidade e no qual, em certo período da minha vida, eu viajava de regresso a casa; pois, precisando estudar na Biblioteca Pública, permanecia todo o dia no Recife, e somente podia voltar já tarde da noite.

Entrei no salão de espera: estava deserto; os grandes sofás lá ainda se achavam como antigamente quando, muito moço ainda, utilizei-os para esperar vários trens; sobretudo os de 1h20 e de 4h10 – chamado Trem da Serra – o que seguia para além de Jaboatão, para além da Serra das Russas, atingindo a cidade de Caruaru.

Entrei no salão, depois de tanto tempo de ausência – cinqüenta anos, creio eu. Estava vazio, remoto e sombrio; nada tinha se conservado do antigo e saudável ambiente que nele reinava nos minutos próximos da partida daquele último trem com destino a Jaboatão – comboio em que viajava quase todos os dias e que, em quarenta minutos, lá me deixava – durante a época em que me preparava para fazer exames na Escola de Engenharia –. Chegava ao Recife sempre pelo trem das onze horas, de Jaboatão, no qual vinha sempre conversando com Reinaldo, um pianista que tocava na orquestra do Cinema Royal. (Naquele tempo os filmes eram mudos e se faziam acompanhar com piano e orquestra). Reinaldo era um homem muito gordo, de roupas muito ligadas ao corpo; falava com entusiasmo sobre a sua profissão de pianista, aludindo sempre às músicas que levava debaixo do braço, e iam ser tocadas no cinema onde ele exercia a sua atividade, aliás, uma orquestra reduzida a cinco instrumentos. Reinaldo voltava também no último trem das 10h20; chegava quase sempre esbaforido, a locomotiva tendo já apitado os 10 minutos que antecipavam e anunciavam a próxima partida. Voltávamos, assim, de novo conversando sobre cinema, sobre músicas e musicistas.

Entrei no antigo salão deserto, sentei-me num daqueles sofás que ainda restavam, sofás de alto espaldar que, como o assento, era também revestido de palhinha; sentei-me num dos grandes que tinham um mesmo encosto para dois assentos, ambos empalhados e largos; e fiquei a meditar nas coisas que por ali passaram há muitos anos.

Nessa minha recordação surgiram as viagens que eu fazia em trens de horários diferentes, sempre acompanhado pelos passageiros que neles eram freqüentes, que a eles estavam habituados por várias circunstâncias.

A princípio lembrava, de maneira vaga e indecisa, as diferentes pessoas que viajavam, os que desciam nas diversas estações, em Areias, em Tejiipió, em Socorro, em Jaboatão. Essas figuras quase apagadas de pessoas iam, aos poucos, aparecendo do fundo de minha memória; gente que eu evocava e ia reconhecendo, como também as paisagens onde passava o trem, com árvores altas nas colinas, com pequenos rios correndo embaixo nos profundos vales, com morros de pedras de onde a água límpida escorria. Nessa lembrança – eu ainda muito jovem e inexperiente – eu aparecia, como agora, sentado naquele grande sofá esperando ou conversando com um companheiro de trem; com Reinaldo, por exemplo, o pianista que voltava do cinema onde era chefe da pequena orquestra do, na época, mais importante cinema do Recife.

Mergulhado nessa meditação – não sei quanto tempo passei – veio-me a vontade de abandonar aquele lugar deserto, sem sopro sequer do vento mais leve, sem o som mais ligeiro de uma voz ou choro de criança. Por que estava ali dentro daquele silêncio? Senti um certo impulso de sair da estação, daquela estação em hora tão tarde e sem movimento e rumor; parada no mais absoluto silêncio. Mas naquela serenidade que me penetrava havia qualquer coisa de vivo e sutil se

transformando; vinham, pareceu-me enfim, chegando os passageiros do trem de 1h20, o dia estava claro e luminoso; ouvi passos no corredor e, aos poucos, iam entrando pelo salão de espera os que estavam acostumados a viajar naquele comboio. Quase todos eu conhecia de vista e estavam como costumavam viajar. Eram normalistas, moças que estudavam para serem professoras, vinham da Escola Normal; eram rapazes saídos há pouco do Ginásio Pernambucano, onde faziam o curso de Madureza; chegavam, sentavam-se nos sofás e ficavam à espera da chamada, da abertura do portão para a gare onde estava o trem que ia partir. Ali vi também chegar amigos com quem costumava conversar; chegava Antenor, meu colega no Curso de Preparatórios do Dr. Joaquim Pimenta, chegava Olivério, sempre risonho, que morava em Tejipió, irmão de uma moça muito bonita, que raramente vinha ao Recife; Antenor, que morava em Afogados, portanto na primeira estação, e que era meu colega de aula, pois fazíamos os mesmos preparatórios; Olivério, que viajava na plataforma do vagão em que íamos, tirava sempre brincadeiras com os vendedores e bilhetes de loteria, se dirigir às pessoas que moravam à margem da via férrea, quando apareciam e olhavam a passagem do trem:

– Oh! Seu malandro, dizia ele; por que não vai trabalhar, vagabundo! Isto é hora de estar em casa na janela, bandido!

Ou quando via uma moça na janela começava a atirar beijos; o que quase sempre trazia complicações muito sérias.

Estavam todos ali parados dentro daquele silêncio, todos; a Estação estava repleta de gente e havia um rumor surdo dentro daquela paz, dentro daquele sossego dos anos remotos que eu agora revia e experimentava.

Olhava para toda aquela gente como se fosse um renascimento, em grande parte gente moça: estudantes e normalistas. De vez em quando passava um vendedor de confeitos, de roletes de cana ou de mendubim, e havia os que compravam, ou faziam pilhéria; ou estava também pela porta do salão um vendedor de bilhetes de loteria gritando:

– Quem quer tirar a sorte grande?

Tive a impressão exata de ter ouvido esse grito: alguém, como antigamente, passara por ali vendendo bilhetes de loteria. Teria despertado? Senti-me assustado como se acordasse. Notei que o salão estava deserto. Como uma fumaça, toda aquela gente desaparecera; o dia claro em que no trem de 1h20 iríamos viajar, tornara-se fechado.

Voltei a pensar no sonho que teria tido, e em que não me lembrava de outros amigos que às vezes viajavam naquele trem: Oswaldo Antunes, Otávio, seu irmão; Otávio Paes Barreto, o que, tendo adoecido em Sanharó, fazia um estágio para curar-se da tuberculose.

Pensei que tudo fosse um sonho ou uma alucinação, ou um entorpecimento, uma tonteira, pois o que se desfez para mim como fumo, logo depois se reuniu como nuvens no teto.

Mas o dia claro tinha desaparecido... era noite... e estava realmente deserto o salão; o trem que ia partir era realmente o último, o das 10h20, pois a hora tinha chegado e imediatamente outras pessoas que eu conhecia de vê-las, naqueles dias antigos, começaram a penetrar no salão, ocupando os seus lugares nos sofás e ficando à espera da partida do último trem. Eram empregados no comércio, que moravam em Tejipió e Jaboatão, porteiros de cinemas do Recife, que regressavam aos seus parentes, e sobretudo o pianista Reinaldo, sobraçando as suas músicas, e chegando sempre atrasado. Formou-se então uma roda em torno do salão de espera, todos os passageiros aguardando o sinal para, transpondo o portão da grade de ferro, penetrar no ancoradouro onde se achava o trem já composto e pronto para partir.

Estava agora, realmente, assistindo à repetição de uma das minhas antigas viagens para Jaboatão no último trem. Preparei-me para acompanhar os viajantes, cheguei a me levantar e me dirigir para o cais onde estava à espera o comboio. Mas ouvi, de súbito, o apito do trem que partia, senti no meu corpo uma sacudidela, olhei, meio assombrado, em torno de mim, surpreso de me achar

ali, sozinho, no salão deserto de uma velha estação. Pensei que, de fato, tinha partido um trem, todos os passageiros teriam embarcado, mesmo os retardatários e somente eu teria sido deixado, esquecido e em devaneio, esquecido há muitos anos.

No entanto não era verdade; não tinha, da estação, saído àquela hora trem algum, muito menos o que deixava a gare à 10h20. Não se tinha ouvido nenhum apito, nenhum rumor de rodas e de freios... E depois, não era noite ainda, eram precisamente três horas da tarde... de uma tarde de verão e sol ainda brilhando no céu, e a sua luz se vendo bater no chão do adro por onde se passava, para atingir a gare – eu tinha vindo pela rua da Concórdia e não pela margem do Capibaribe, com a intenção de ver uma morena que ficava sempre à tarde debruçada na janela e que estava ali todas as tardes à espera de um namorado. Tinha chegado cedo à estação; ninguém ainda tinha aparecido, era muito cedo ainda para o trem das 4h10 sair com destino a Caruaru – o famoso Trem da Serra que, em Jaboatão, todo mundo ia ver chegar, e conversar com amigos que viajavam para estações aquém de Caruaru: velhos amigos que se encarregavam de levar encomendas e presentes para os que moravam em engenhos localizados além de Jaboatão e que não iam naquele trem.

No cais da estação passeavam moças; era mesmo um costume, há muito tempo conservado, esse passeio, esse assistir à chegada do Trem da Serra; era isso um hábito e uma tradição: passear pelo ancoradouro enquanto se faziam as manobras necessárias para reduzir o número de vagões que iriam prosseguir a viagem; manobras que demoravam bastante tempo.

Tinha chegado cedo à estação, estava sentado num dos sofás, um dos que ficavam encostados à parede, que era o que eu sempre escolhia para ver melhor os passageiros que iam entrando. Sentado no sofá daquele salão ainda vazio, aguardava a chegada dos que iam viajar; nem sempre eram os mesmos. Nem sempre os que moravam em engenhos para além da Serra das Russas podiam vir todos os dias, ou mesmo todas as semanas, ao Recife. Tinha chegado cedo e já estava desanimado de esperar por tanto tempo; fiquei, no entanto, convencido de que em breve chegariam.

O tempo avançava, já estava quase na hora de o trem partir e ninguém aparecia; por quê? Ninguém aparecia.

Suponho que dei um cochilo... Perdi a consciência por alguns segundos. Segundos? Quem poderá dizer o tempo que dura um cochilo? Quando não se sabe medir o tempo de um sonho, como se poderá conhecer o tempo que se passa num cochilo? A verdade é que cochilei: estavam chegando os que iam viajar no trem das 4h10. (Que chegavam, às vezes, isoladamente, às vezes em grupo, às vezes entravam logo na sala de espera, às vezes iam tomar um refresco no pequeno bar que ficava defronte). Estavam chegando e era um esplendor, um encanto de luxo e riqueza. O usineiro João Lopes, a mulher e os filhos; entre estes, uma jovem muito bonita, de dezoito anos; logo após, o dr. Alberto Paes Barreto, residente em Jaboatão e advogado no Recife, entrou de fraque e colete, sempre fumando um cigarrinho e falando ou pigarreando; conversava animadamente com os amigos, os seus colegas de Caruaru; em seguida entraram os filhos dos proprietários da Usina Jaboatão: Guilherme e Joaquim Martins; depois, Domingos Ferreira e Caminha Franco, trocando idéias sobre engenharia, e, ao lado de Domingos, o seu pai, que ainda usava barba e suíças; todos vinham voltando de afazeres na capital do estado. Surgem, logo depois, alguns alunos e professores da Escola de Agronomia de Socorro e que voltavam das férias; traziam sempre bolsas e embrulhos, pois residiam na Escola de Agronomia, que era um internato. Iam chegando em dias diferentes, de cidades diversas de Pernambuco; de Limoeiro, de Barreiros, de Garanhuns; alguns mesmo de Alagoas. Sentavam-se tranqüilos, à espera do trem.

De novo, outra onda de gente, *habitués* daquela viagem: médicos e despachantes da alfândega, às vezes com suas mulheres e filhos, voltavam naquele trem que ia partir dentro em breve e subir a Serra, para além de Jaboatão. Ali estavam alguns sentados, alguns de pé, pois não havia mais

lugares nos sofás; ali estavam os estudantes: Zé Luís, Alcides, Targino, Américo Brito, Cícero Araújo, sobrinho do proprietário da Usina Cachoeira Lisa, Alberto Wucherer, alagoano, João Gomes, de Barreiros, e muitos outros.

Chegaram os poetas Samuel Capelo e Enéas Alves, que eram assíduos colaboradores de uma revista jaboatonense; ambos trabalhavam como empregados públicos no Recife. Vi chegarem os filhos do Dr. Nobre de Lacerda, senhor de engenho, os filhos de Dona Marieta, senhora do engenho “Entre Rios”. Entraram logo depois, no salão já apinhado de gente, alguns membros de famílias que apenas veraneavam em Jaboatão: os Paula Lopes, os Médicis, os Bithencourt, os que moravam no Morro da Saúde – quase que também meus vizinhos: os Baltar, os Bezerra. Vi chegar também, atrasado, o escritor Manuel Arão e o seu genro, o agrônomo Oscar Campos, e o pai dos meus amigos Camerino, Toninho e Edésio, com os quais jogava pelada em Tejipió; ambos moravam no Sancho, bairro desse subúrbio.

O mais estranho era que naquele dia estavam na Estação os passageiros de vários trens de 4h10, pessoas que só e muito raramente viajavam até o Recife; viviam quase todos os dias do ano nos subúrbios e nas cidades do interior; estavam lá Sidrônio, Teobaldo, Amélia e Dulce Brandão, filhos e filhas de negociante de Jaboatão, estavam Austregésilo e Herculano, que eram meus vizinhos na mesma cidade, Simeão e Orlando Cabral, que se formou em medicina.

Estavam todos à espera da partida; imprevisivelmente, devagar, todos foram se erguendo de seus lugares, de mim se aproximaram, e começaram a me olhar, olhar com uma curiosidade invulgar, inesperada, a me olhar como se vissem, na minha presença ali, qualquer coisa de anormal, de irregular e absurdo. Fitaram-me por algum tempo de modo agressivo, uns como que me considerando um intruso naquela sala, outros por nunca me terem visto, não me terem conhecido muito bem na minha primeira mocidade, em Jaboatão.

Detiveram-se um instante a olhar, diante da minha pessoa; eles, que eram moços e vivos, encontravam em mim um velho, muito diferente do que teriam visto em outros tempos longínquos; fitavam-se todos e cada qual mais se aproximava; olhavam por cima dos ombros uns dos outros, e os seus rostos, eu vi, se iam deformando, os seus corpos iam fundindo-se uns nos outros, se amalgamando, se diluindo.

De súbito ouvi, na gare, o apito do condutor, que deveria ter na mão uma bandeira, que estaria, ao apitar, acenando para o maquinista ligar as alavancas e conduzir o trem; ouvi os freios dos vagões se esticarem e o rolar das rodas pelos trilhos, indicando que o trem partira.

Aquela nuvem de gente, que se ia tornando cada vez mais densa, foi aos poucos se erguendo no ar, atravessando as portas do salão que davam para o embarcadouro; foram... foram, passando, se elevando, fugindo em seguimento do trem que partira e que os deixara, que partira e por eles não esperou; deles se esqueceu.

Tive a impressão de que adormeci, e tudo aquilo era apenas um sonho; mas, no meu lugar continuei olhando para as portas, para o lado da gare; e vi que, depois da saída nebulosa dos passageiros, voltara a fumaça da locomotiva e penetrou no salão, como à procura de alguém. Então compreendi que naquela multidão de passageiros que se foram acompanhando o trem, não tinham seguido os dois últimos que vi entrar na sala – que só depois disso ficou totalmente deserta. Era Maria de Lourdes, acompanhada por seu pai muito velhinho. Maria de Lourdes, alta, elegante e formosa, Maria de Lourdes! Divina! Vestida de vestido branco, a pele alva, os olhos pretos. Maria de Lourdes! Olhou-me de leve e de manso. Uma palavra falou, uma palavra que por ali andava, e me disse:

– Boa tarde, Joaquim!

E logo depois:

– Boa noite, Joaquim!

Despertei; de novo me vi sozinho naquela sala para onde tinha vindo, a olhar como estava, depois de cinquenta anos, depois de tantos anos cansados e consumidos.